

Proposta de leitura da formalização presente nos textos laterais a *O seminário sobre “A carta roubada”* - do Repartitório A- Δ à Rede α , β , γ , δ .

Proposal for reading the formalization present in the side texts to *The seminar on ‘The Purloined Letter’* - from the A- Δ Distribution to the α , β , γ , δ Network.

JOÃO FELIPE DOMICIANO

RESUMO:

O artigo propõe apresentar uma via de leitura para a apreensão dos passos formais de construção dos modelos e grafos inscritos nos textos que compõe o chamado *O seminário sobre “A carta roubada”*. Escolhido para abrir seus *Escritos* (1966), esta seção contém textos que recobrem mais de uma década de avanços teóricos e que, portanto, deixam ao leitor um desafio de acompanhar seus progressos de formalização. Em continuidade com a investigação levada a cabo na APOLa São Paulo, buscaremos demonstrar como o *Repartitório A- Δ* e *Rede 1-3*, presentes na seção “Introdução” (1957), apresentam continuidades e descontinuidades formais, e mesmo topológicas, frente aos apresentados no “Parêntese dos parênteses” (1966) – *Rede α , β , γ , δ* . Sustentamos que tais traços contribuem para distintas modulações das leituras da sintaxe elementar do significante.

PALAVRAS-CHAVE: grafo – repartitório – carta roubada – rede – significante.

ABSTRACT:

The article proposes to present a reading path to understand the formal steps of constructing the models and graphs inscribed in the texts that make up the so-called Seminar on The Purloined Letter. Chosen to open his *Écrits* (1966), this section presents texts that cover more than a decade of theoretical advances and that, therefore, leave the reader with the challenge of following the formalization progress made. In continuity with the investigation carried out at APOLa São Paulo, we will seek to demonstrate how the A- Δ Distribution and 1-3 Network, present in the “Introduction” section (1957), present formal, and even topological, convergences and divergences compared to those presented in the “Parenthesis of parentheses” (1966) - α , β , γ , δ Network. We maintain that such differences contribute to different modulations of the readings of the elementary syntax of the signifier.

KEYWORDS: graph – distribution – purloined letter – network – signifier.

Introdução

Neste escrito pretendo apresentar *parte* dos saldos¹ de uma pesquisa dedicada – uma vez mais – a *O seminário sobre “A carta roubada”*. Avançamos, para além do debate com a tradição psicanalítica dos anos 50/60, basicamente sobre dois campos menos explorados: o primeiro sendo a relação de Lacan com a literatura de Edgar Allan Poe –este poeta, crítico, teórico literário e quase-matemático– trilha que nos fez encontrar arranjos discursivos e elementos semiológicos valiosos para uma reinterpretação do texto lacaniano.

E o segundo campo, foi do modelo de formalização topológica inaugural apresentado por Lacan. E dizemos inaugural, pois, acompanhando Eidelsztein,² é pela via da teoria dos grafos que o projeto topológico é introduzido de forma sistemática³ na obra lacaniana – assim como na própria matemática, pela figura de Leonhard Euler. Se aqui ainda não se apresenta a complexidade conceitual do modelo do grafo do desejo, encontramos já os pressupostos para se trabalhar o que chamamos a **infraestrutura do sistema signifiante, sua sintaxe fundamental** – sintaxe esta que ordena e determina globalmente a subjetividade.⁴ Este é o modelo preliminar que trabalharemos aqui.

O seminário sobre “A carta roubada”, como sabemos, é escolhido por Lacan como seu cartão de visitas ao grande público quando da publicação dos *Escritos*, em 1966. Ele compreende um mosaico de textos: (1) *O seminário* é baseado em uma aula de abril de 1955 (locado no Seminário II, aula cuja estenografia temos apenas na versão de J.-A. Miller), mas que logo é tornada **texto** em 1956, e publicada no ano seguinte, 1957, no segundo número da revista *La Psychanalyse*, momento em que ganha a seção (2) **Introdução**; além de (3) **Apresentação da sequência** e (4) **Parêntese dos parênteses**, textos redigidos no entorno da confecção dos *Escritos* (1966). É curioso ver que nesses quase dez anos temos uma série de reafirmações de suas teses, além de desenvolvimentos formais que passaram ao largo de seu *Seminário*.

Estes textos lançam luzes ao modo como Lacan organiza grande parte de sua escuta clínica: de forma sintética, poderíamos dizer que *O seminário sobre “A carta roubada”* está para Lacan como a “Interpretação dos sonhos” está para Freud, enquanto uma apresentação sistemática das coordenadas de leitura da gramática do inconsciente, um princípio semiológico tal qual cada um o compreende.

¹ Da apresentação desse trabalho ao momento de publicação em *O rei está nu*, avançamos na escrita de um livro que sintetizará os resultados dessa pesquisa na APOLa São Paulo. Os últimos movimentos desse artigo são mais bem descritos e minuciosamente apresentados neste próximo trabalho.

² Eidelsztein, A. (2005). *El grafo del deseo*. Buenos Aires: Letra Viva.

³ Insistimos no “sistemático”, pois a primeira tentativa lacaniana de formalização aparece na conferência de 1953, “O simbólico, o imaginário e o real”, cujo modelo foi apagado da versão “oficial”, capitaneada por Jacques-Alain Miller.

⁴ Lacan, J. (1998). *O seminário sobre “A carta roubada”* (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Nos textos laterais ao *Seminário*, encontramos a construção dos modelos *Rede 1-3*, *Repartitório A-Δ* e *Rede α, β, γ, δ*, como níveis de formalização para a apreensão da sobredeterminação do significativo. Vou buscar reconstituí-los brevemente, apresentando propostas de leitura.

Do “acaso” à *Rede 1-3*

Tomemos, então, uma série inicial composta por pares de elementos diferenciais, uma série binária de + e -. Se jogamos uma moeda para cima e definimos cara como (+) e coroa como (-), poderíamos ter na sucessão de jogadas uma série como a seguinte:

Transformando CARA em (+) e COROA em (-), temos:

+ -+---+ + -+++ + -+++ +---+ + - +--- + -+ + - +--- +---+++---+--- +--- + -+ +---+ +-+

Estas registram os lances um a um e, enquanto **série**, inscrevem apenas a diferença na sucessão. O famoso exemplo freudiano do *Fort-Da*, ao qual este comumente é ligado, por vezes confunde os comentadores, como se o (+) denotasse algo da presença materna, e o (-) assinalasse uma ausência. Na lógica simbólica aqui apresentada, entretanto, a presença é pura e simplesmente definida como “não ausência”, e a ausência é uma “não presença”. Então, poder-se-ia tomar qualquer par de opostos: manhã/noite, dentro/fora, maior/menor, etc. Eis um ponto importante: no caso de (+) e (-), **não há um sentido imanente a esses elementos**, sua determinação é puramente diferencial.

O aparente **acaso** da série não é o registro de um pretense “real anterior”, mas recebe seu estatuto de emergência da própria lógica do código. Sem esta, não há acaso. O (+) e (-), portanto, já inscreveriam tal acaso numa ordem simbólica. A simbolização primordial está dada por este par mínimo.

Nesta série inicial, portanto, teríamos inscritas as noções de alternância/constância, definição diferencial – sem imanência – e uma simbolização primordial.

Lacan, em sua apresentação então, parte para outro nível de codificação no modelo: assinala que bastaria agruparmos tais elementos em **tríades**, dentro da linha diacrônica, lidos em um sistema de janela deslizante, para vermos a “emergência de possibilidades e impossibilidades de sucessão da rede”,⁵ na rede.

⁵ Lacan, J. (1998). *O seminário sobre “A carta roubada”* (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

1 - (+ + +) e (- - -) | SIMETRIA NA CONSTÂNCIA

2 - (+ - -), (+ + -), (- + +) e (- - +) | DISSIMETRIA

3 - (+ - +) e (- + -) | SIMETRIA NA ALTERNÂNCIA

+ - + - - + + - + + + - + + + - + + - + + - ...



3

+ - + - - + + - + + + - + + + - + + - + + - ...



3

+ - + - - + + - + + + - + + + - + + - + + - ...



2

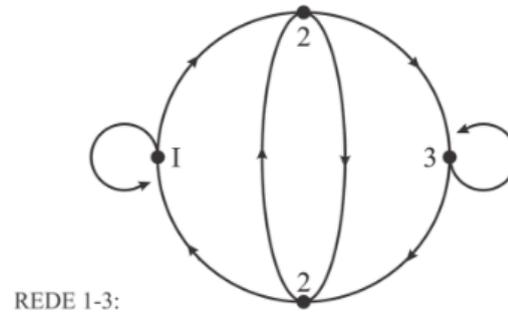
+ - + - - + + - + + + - + + + - + + - + + - ...

3 3 2 2 2 2 3 2 1 2 3 2 1 2 3 2 2 3 2

O surgimento do primeiro grafo publicado em Lacan (*Rede 1-3*) descreve, portanto, a ordenação sintática derivada de tal princípio mínimo de codificação. **As possibilidades e impossibilidades de articulação são assinaladas nas relações entre os 4 vértices e as 8 arestas do grafo, arestas com direções marcadas.**⁶ A lei emergente inscrita neste nível traz consigo uma memória inerente. A cadeia passa a “se lembrar”.

⁶ Eidelsztein, A. (1992). *Modelos, esquemas y grafos em la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.

+ - + - - + + - + + + - + + + - + + - + + - ...
 3 3 2 2 2 2 3 2 1 2 3 2 1 2 3 2 2 3 2



1 - (+ + +) e (- - -) / 2 - (+ - -), (+ + -), (- + +) e (- - +) / 3 - (+ - +) e (- + -)

Bem, se temos um dado 1 (+ + +), o próximo elemento será um (+) ou um (-). Ou seja, se for (+), teremos um 1 de novo (+ + ... +). Se for um (-), teremos uma dissimetria do tipo (+ + ... -), portanto, um 2. São essas suas duas possibilidades. O importante é que ele não pode ir do 1 (+ + +) diretamente para o 3 (+ - + / - + -), e vice-versa. Aqui há a presença de uma impossibilidade de sucessão. Para ter um 3 depois do 1 será preciso, por necessidade lógica, passar pelo 2.

E aqui a memória da cadeia se expressa: pois para passar de um polo ao outro, de 1 a 3 ou 3 a 1, será necessário obter um número ÍMPAR de 2. Se há número PAR de 2, a direção é em sentido ao mesmo polo, o de origem.

Estamos já aqui no nível pleno da lógica significativa? Não, ainda não. Antes de avançar, vejamos as propriedades desta Rede.

A codificação em tríades, como proposta por Lacan, garante dois elementos importantes ao modelo:

(1) a superposição interna⁷ na matriz numérica [1, 2 e 3], que faria com que cada elemento se encadeie com o seguinte a partir de uma estrutura interdependente. A lógica da “cadeia” e seus elos aqui se impõe: mais do que mera alternância e sucessão, cada termo está axialmente ligado ao próximo.

(2) Essa operação acaba por deslocar o foco para a dimensão da **simetria/dissimetria**. Nesse sentido, são categorias que permitem articular uma lógica diferencial de um **conjunto**, ainda que mínimo –no caso de três elementos.

⁷ Rona, P. (2003). A elasticidade de um modelo. Inédito.

A propriedade diferencial expressa por tal matriz, importante dizer, é efeito do agrupamento triádico: poderíamos, como Fink,⁸ agrupar de dois em dois (1: ++, 2: +-, 2: -+, 3: --). A lógica do encadeamento estaria parcialmente comprometida e a alternância da rede poderia ainda se sustentar. Entretanto, a um preço: que aceitássemos que uma sequência de dois símbolos idênticos, como a de (++) seja diferente de (--). Definição que reconstituiria a noção de imanência de valor do termo, noção excluída pelo modelo lacaniano. Ou seja, o modelo triádico – e seu correlato com as noções de simetria/dissimetria – corresponde ao **agrupamento constitutivo mínimo que permitiria sustentar a lógica diferencial**.

Outro traço importante da proposta lacaniana é a forma como este manteve uma ambiguidade entre os dois tipos de 2, em analogia ao modelo lévi-straussiano de sociedades ditas dualistas (Lévi-Strauss, 1956). Tal elemento será essencial para o próximo nível do modelo.

Há ainda três propriedades importantes de *Rede 1-3*: (1) Tendência previsível para o próximo elemento da cadeia, pois ainda que não se possa prever, há uma probabilidade diferencial no próximo passo da cadeia; (2) É uma cadeia reversível,⁹ com as tríades podendo ser lidas de trás pra frente sem alterar sua codificação final; e (3) apresenta uma distribuição assimétrica dos termos, com a probabilidade de 2 em 50%, enquanto de 3 e 1, somando juntos os outros 50%. Essas propriedades são complementares, pois assinalam que **há ainda um nível de determinação da cadeia localizado no termo**. Ou seja, há a presença de uma espécie de pregnância imaginária que faz o termo regular por si uma direção e sentido.

Um caso aproximativo (e extremo) deste modo de articulação de linguagem, cujo valor é inerente ao termo, pode ser encontrado na remissão de Lacan à comunicação animal (*Wagging-dance* das abelhas) tratada por Benveniste:¹⁰ falamos de uma codificação fixa, indecomponível, com um encadeamento sígnico, que não alçam a uma estrutura estritamente simbólica.

Repartitório A-Δ

Eis que chegamos ao *Repartitório A-Δ*: neste próximo nível, Lacan propõe uma definição dos termos a partir da articulação de **deslocamento entre simetrias/dissimetrias**. O **deslocamento** na

⁸ Fink, B. (1995). *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁹ Darmon, M. (1990). *Ensayos acerca de la topologia lacaniana*. Buenos Aires: Letra Viva.

¹⁰ Benveniste, É. (1952). A comunicação humana. Em: *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

cadeia é enfatizado aqui. Neste nível, a natureza do significante se revela e com ela a opacificação da determinação simbólica imediata. Aqui será preciso ler além dos termos e da sucessão adjacente.

Na recombinação da chave de leitura temos:

| | | | |
|----------|---------------------------|----------|------------------------------|
| | Simetria para simetria | | Dissimetria para dissimetria |
| α | 111 ; 123
321 ; 333 | γ | 222 ; 232
212 ; 222 |
| | Simetria para Dissimetria | | Dissimetria para simetria |
| β | 112 ; 332
122 ; 322 | δ | 211 ; 223
221 ; 233 |

1: Simetria / 2: Dissimetria / 3: Simetria

Este passo convencional e suas possibilidades de combinações numéricas, apesar de brevemente mencionado, é pouco explicitado no curso da apresentação do *Seminário*. Dispô-las assim, por sua vez, nos permite entrever que a nova convenção restabelece “**uma estrita igualdade de chances combinatórias entre quatro símbolos**, alfa, beta, gama e delta”.¹¹ Se na *Rede 1-3* havia uma diferença de possibilidade de sucessão imediata, agora essa diferença está abolida. O termo não traz em si mesmo sua probabilidade, ainda que a cadeia possa ter tendências diferenciais.

Tal descolamento da relação termo/função, poderia ser aproximada da formalização lévi-straussiana na lógica dos mitemas,¹² lógica que Lacan por mais de uma vez aproximou de sua empreitada pelo campo do significante – e cujos termos apresentamos sinteticamente nas Jornadas de 2022.¹³ E, neste âmbito, diria que a *Rede 1-3* está para o parentesco, como o *Repartitório A-A* está para o campo dos mitos.

O *Repartitório A-A* demonstra como uma nova lei sintática se impõe: se posso ter qualquer elemento presente na sucessão imediata, em um salto de dois tempos, no terceiro tempo, no entanto, isso não é possível. Ou seja, para além do um a um, há uma estrutura a ser reconhecida em seu conjunto. Passo que marca nossa leitura clínica, para além de encerrarmos no “cena a cena”, um a um, a lógica simbólica demanda uma escuta das recorrências e tendências para ser apreendida globalmente.

¹¹ Lacan, J. (1998). *O seminário sobre “A carta roubada”* (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹² Domiciano, J. F. (2021). *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica*, Curitiba: CRV.

¹³ Domiciano, J. F. (2023) *A teoria do mito em Freud e Lacan – do endopsíquico à estrutura da linguagem*. Em *O rei está nu*, vol. 19.

$$\text{REPARTITÓRIA A } \Delta: \frac{\alpha, \delta}{\gamma, \beta} \rightarrow \alpha, \beta, \gamma, \delta \rightarrow \frac{\alpha, \beta}{\gamma, \delta}$$

1º TEMPO 2º TEMPO 3º TEMPO

| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| + | - | + | - | - | + | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 3 | 3 | 2 | 2 | 3 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | | D | D | S | D | S | S | D | D | S | S | S | S | S | S | S | S |
| | | γ | γ | δ | γ | α | δ | β | β | δ | δ | α | α | α | α | α | α |

$$\frac{\alpha, \delta}{\gamma, \beta} \rightarrow \alpha, \beta, \gamma, \delta \rightarrow \frac{\alpha, \beta}{\gamma, \delta}$$

Eis que encontramos outra propriedade dessa nova sintaxe: se a cadeia de 1 a 3 era reversível, esta é retroativa.¹⁴ Ou seja, ela tem direção e orientação. Tal fato é derivado da sobredeterminação dos elementos: diferente da *Rede 1-3*, um termo apenas recebe sua delimitação da relação com os demais, da posição na cadeia.

A aparente falta de sistematização da rede – pela indiferença de determinação do termo subsequente –, seria desfeita quando tomamos a cadeia de modo mais amplo: para tal, Lacan apresenta a **articulação mínima de 4 elementos**. Tal ponto parece arbitrário na escrita lacaniana, mas podemos ler a partir da ideia de que é da suposição/leitura de **ao menos 4** que um novo elemento pode ser encontrado. Elemento este que se define como um tipo de impossível, mas elevado a um novo grau, o que Lacan nomeará como o *caput mortuum* do significante:

¹⁴ Lacan, J. (1998). Op. cit.



Para apreender sua dinâmica, tomemos este modelo: do *gama* no primeiro tempo para o *gama* no quarto tempo, ao restituirmos as combinatórias sintetizadas no *Repartitório*, veremos que há um elemento excluído da possibilidade de estar nos termos intermediários.

Ou seja, há algo na sucessão que inscreve o *alfa* como uma impossibilidade. A impossibilidade se dá **no deslocamento** da cadeia. Não é inerente aos termos, mas constituído **no e pelo movimento próprio da cadeia significante**. Movimento este apenas apreendido pela operação de leitura de ao menos 4 termos. Eis um ponto que muda tudo na conversa: o que não cessa de não se escrever na cadeia pode ser aqui decantado a partir da leitura da lógica significante.

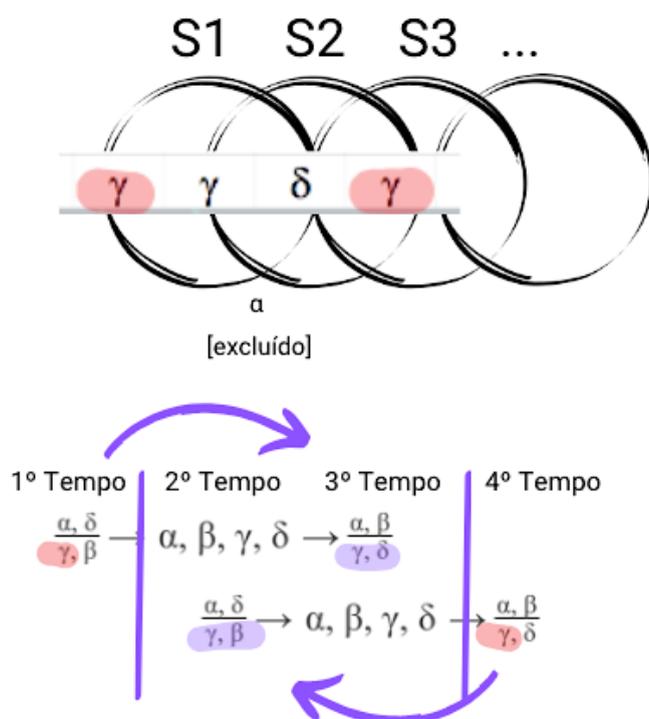
Isso poderia representar um rudimento do percurso subjetivo, mostrando que ele se funda na atualidade que tem, em seu presente, o futuro anterior. Que, no intervalo desse passado que ele já é naquilo que projeta, abre-se um furo que constitui um certo *caput mortuum* do significante, eis o que basta para deixá-lo suspenso na ausência, para obrigá-lo a repetir seu contorno.¹⁵

No nível basilar em que se encontra tal cadeia, entendo também que o impossível está posicionado sem mais atributos. Ele traz um rudimento de limite a ser depurado através da sintaxe. O reconhecimento desta dinâmica é essencial à escuta analítica, escuta do que fica nas margens do discurso, daquilo que insiste em não ser inscrito.

¹⁵ Ibidem.

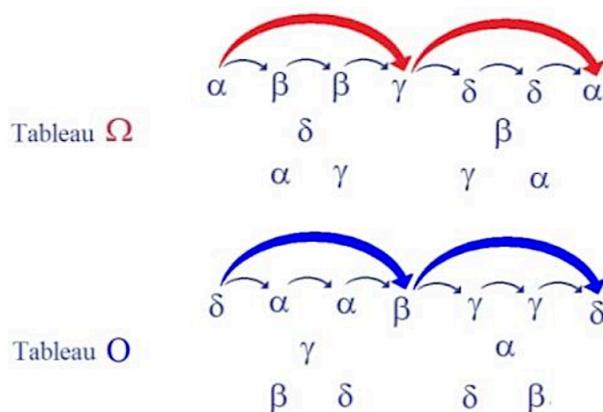
Entretanto, para apreendermos a racionalidade do modelo, é importante notar que, dada a grade de circulação apresentada nos termos do *Repartitório*, nós **já teríamos condição de extrair o *caput mortuum* apenas a partir dos dois elementos centrais** – contando com a inferência do elemento anterior e o posterior à díade. Somando, assim, quatro elementos como operação de leitura. Com dois elementos, portanto, podemos determinar o impossível ali referido.

E aqui, proponho a leitura de que este seria justamente o **deslocamento mínimo** que poderia ser lido no interior de uma lógica significativa. Nesse sentido, reencontramos o par diferencial elementar de significantes. Em outros termos, proporia tal leitura:



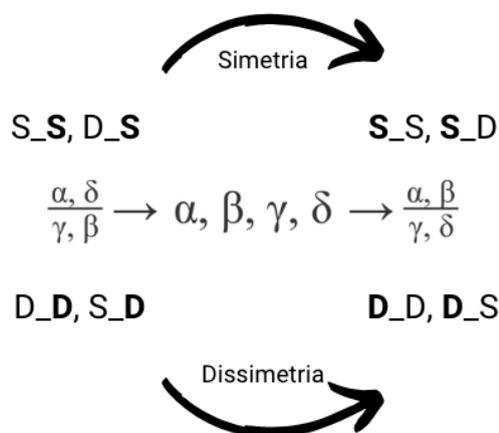
Compreendendo a articulação de quatro elementos como o encadeamento mínimo entre dois significantes, temos condição de melhor nos aproximar dos dois quadros propostos por Lacan, o quadro ÔMEGA e ÔMICRON.¹⁶

¹⁶ Trago aqui as versões corrigidas de Staferla, dado o problema de notação apresentado no quadro Ômega da versão dos Escritos, problema que inviabiliza reconhecer a simples sintaxe trabalhada por Lacan.



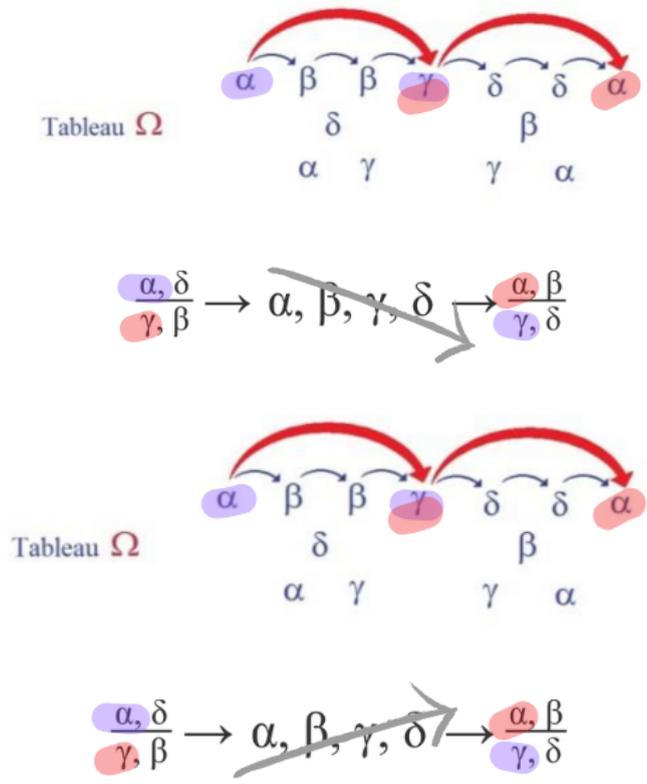
Os quadros representam duas modalidades de encadeamentos tetrádicos, com os impossíveis dos termos intermediários bem expressos.¹⁷ Mais ainda, como propomos, eles assinalam movimentos distintos da cadeia. Tomemos suas propriedades diferenciais.

Se dividimos o *Repartitório A-Δ* em duas metades, vemos que entre a parte de baixo e a de cima temos dois tipos de saltos: salto na simetria e salto na dissimetria.

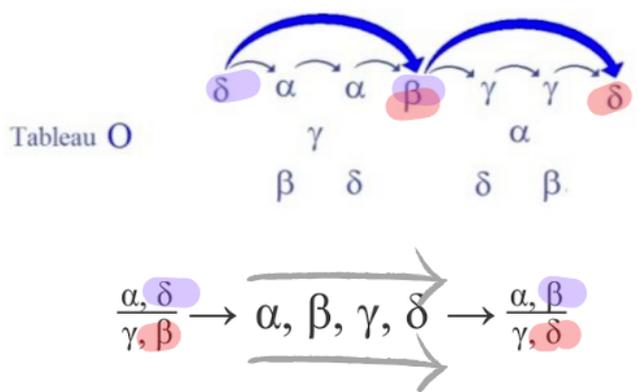


Ao tomar um segmento quaternário, o primeiro elemento não resguardaria nenhum traço comum com o último. Portanto, um salto **indeterminado** no seu campo. Mas acompanhamos a **presença de duas direções deste salto quaternário**. Na cadeia Ômega, vemos o salto produzir um atravessamento entre as duas metades. O salto atravessa, transpõe, cruza a barra. Barra que, no salto de três, impossibilita a passagem de um campo a outro. Portanto, o quarto termo é um termo que de partida estaria impossibilitado.

¹⁷ Uma ressalva: não os leria como cadeias contínuas de 7 elementos (Goldenberg, 2018), apenas como exemplares dos deslocamentos de 4/4.



No caso do quadro Ômicron não vemos esse processo. O salto quaternário acaba por *nunca* cruzar as metades, como vemos abaixo.



O que estas duas propriedades assinalam, entendo ser as condições formais de base para a produção da metáfora (Ômega), enquanto transposição de limites entre campos semânticos e produção de novos potenciais sentidos – *pas-de-sens*, nos termos de Lacan –, e da metonímia (Ômicron), enquanto processo que assinala o deslocamento na continuidade da cadeia significante.

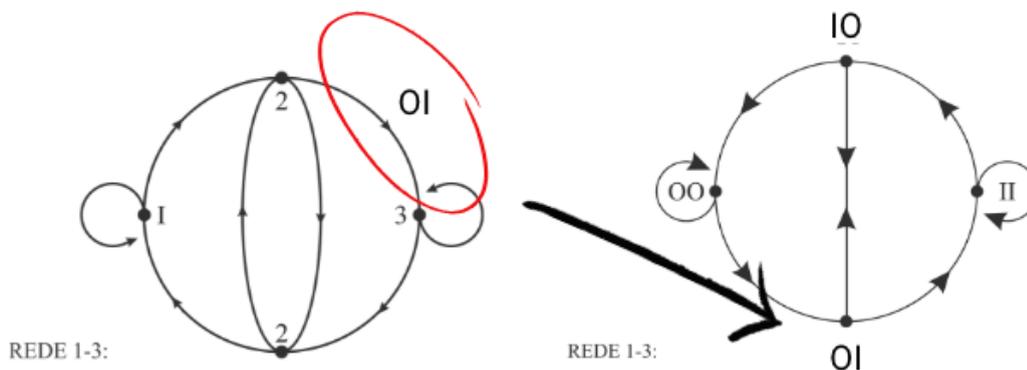
Digo **condições**, pois o caráter elementar e cerrado do modelo não parece assinalar, a priori, a presença da lógica de significação.

Rede $\alpha, \beta, \gamma, \delta$

A delimitação distintiva dessas duas dinâmicas, por sua vez, possibilita a Lacan observar diferentes momentos da cadeia significante, levando-o a rearticular no fluxo da cadeia uma presença maior ou menor das tensões entre simbólico e imaginário.

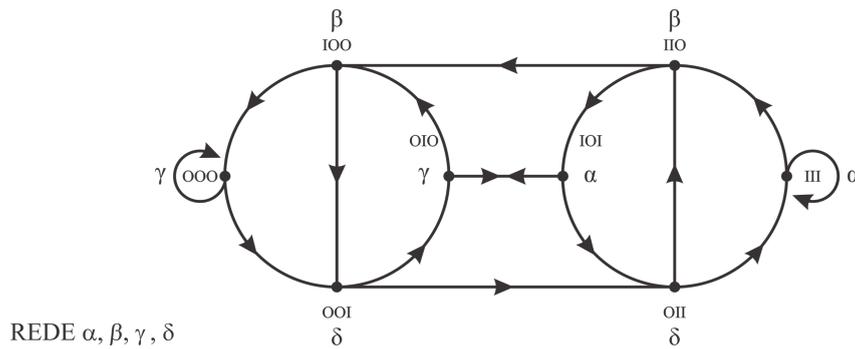
Eis o que encontramos na *Rede $\alpha, \beta, \gamma, \delta$* , que começa a ser trabalhada quando da publicação do *Seminário*, em 1957 – no meio do Seminário sobre a relação de objeto (1956-57) – e recebe sua forma final em *Parêntese dos parênteses* (1966). De forma sucinta, pode-se dizer que Lacan formaliza uma topologia do circuito signifiante ao inscrever a lógica do *Repartitório* no interior do modelo dos grafos. Se o *Repartitório* se define como uma chave de possibilidades e impossibilidades, uma grade sintática, é a partir dele que Lacan apresentará sua presença no fluxo de todas as combinatórias de sucessão, enquanto uma aplicação extensa, um meio para a apreensão em sistema de uma cadeia “parlante”.

Para tal, ele expande a *Rede 1-3* ao operar uma **dupla inversão entre vértices e arestas**. Um procedimento que poderíamos dizer análogo à fragmentação do código fixo, para alçar à lógica do arbitrário.¹⁸



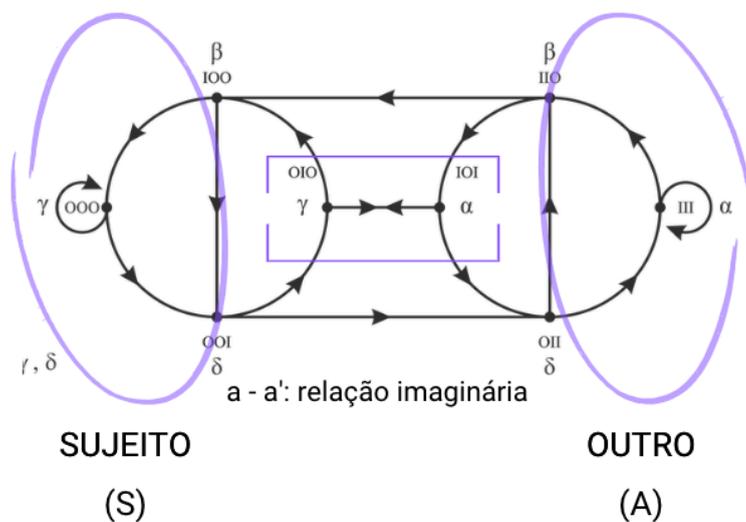
A operação é realizada duas vezes – para responder à característica ternária de cada letra grega – até chegar no elemento final, a *Rede* abaixo:

¹⁸ Neste modelo OI (da direita) há mais um problema de notação nos Escritos. Cujas inversão entre OI/IO nos vértices verticais, dificulta ao leitor reconhecer a lógica aí proposta. O modelo aqui está corrigido.



Do que nos cabe nesta breve apresentação, começaria assinalando que tal modelo tem como característica a demonstração de uma ambiguidade simbólica constitutiva – que torna “possível a emergência de uma lei”¹⁹ – de todos os termos (traço apenas parcialmente presente na Rede 1-3). Como podemos ver, os oito vértices não são oito termos diferentes, mas quatro que se apresentam em dois pontos cada um, daí a ambiguidade reiterada.²⁰ Neste momento da obra de Lacan, podemos dizer que a diferença entre os termos, como por exemplo entre o γ (OOO) e o γ (OIO) é seu lugar, seu valor na cadeia que é expresso pelo conceito de letra. A letra enquanto “estrutura localizada do significante”,²¹ pode ser aqui reconhecida, ainda que sua definição se altere no sistema conceitual a partir do fim dos anos 1960.

Uma segunda característica está no modo como esse modelo expressa os **momentos** da cadeia com posições diferenciais. Como podemos ver, na leitura operada por Lacan da lógica do *Esquema L* no interior da *Rede*.



¹⁹ Lacan, J. (1956-1957). *La Relation d'objet*. Paris: Staferla. (Tradução nossa).

²⁰ Ibidem.

²¹ Lacan, J. (1998). A Instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

O valor do modelo para a lógica de determinação simbólica inerente ao processo analítico está no modo como este expressa a circulação entre **momentos** do movimento em cadeia. A partir desse modelo, uma forma de lê-lo seria tomando de maneira diacrônica é como evidenciado na *Cadeia L*, sobre a qual não avançaremos neste artigo. No entanto, essa modalidade permitiria ler o circuito em suas repetições e movimentações particulares, de modo a reinterpretar os elementos que tornam possível as aberturas e fechamentos, passagens e travessias entre os distintos vértices deste modelo – configurando, assim, um rudimento das modulações da cadeia significativa apresentada a partir do sistema denotado por esta Rede.

Lacan portanto, nos indica que há no fluxo lido enquanto cadeia significativa, um movimento que pode ser alterado a depender do termo que se inscreve – como delimitado nos quadros Ômega e Ômicron –, das pontuações e intervenções que serviriam enquanto a abertura ou fechamento de parêntese – termos que Lacan toma emprestado da teoria das linguagens formais –, e nos leva, logo, a considerar as condições de produção do efeito sujeito. Tudo isso, a partir de um modelo formal a ser depreendido no interior de uma experiência clínica.

Esta pesquisa segue na análise do modelo da *Rede* enquanto um “autômato finito determinístico”, sendo a análise uma possível passagem de um “autômato finito não determinístico” ao “determinístico” – segundo proposto e formalizado pela teoria de Scott-Rabin.²² A topologia inscrita pelo procedimento lacaniano, em escolhas estritamente rigorosas, como buscamos reconhecer e interpretar sua necessidade aqui, abre também espaço a cotejar relações de homologia de sua estrutura a outros modelos de formalização, outras modulações topológicas.

²² Agradeço ao colega Gabriel Tupinambá por esta indicação preciosa.

BIBLIOGRAFIA:

1. Benveniste, E. (1952). A comunicação humana. Em: *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
2. Darmon, M. (1990). *Ensayos acerca de la topologia lacaniana*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Domiciano, J. F. (2021). *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica*. Curitiba: CRV.
4. Domiciano, J. F. (2023) *A teoria do mito em Freud e Lacan – do endopsíquico à estrutura da linguagem*. Em *O rei está nu*, edição 3.
5. Eidelsztein, A. (1992). *Modelos, esquemas y grafos em la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
6. Eidelsztein, A. (2005). *El grafo del deseo*. Buenos Aires: Letra Viva.
7. Fink, B. (1995). *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
8. Goldenberg, R. (2018). *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage.
9. Lacan, J. (1998). *O seminário sobre “A carta roubada” (1957)*. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
10. Lacan, J. (1956-1957). *La Relation d’objet*. Paris: Staferla
11. Lacan, J. (1998). A Instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
12. Rona, P. (2003) A elasticidade de um modelo. Inédito.

JOÃO FELIPE DOMICIANO

Psicanalista. Pesquisador. Diretor da sede APOLa São Paulo. Doutor e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Université Paris 7.

Autor de *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica* (2021).

E-mail: domicianojoaofelipe@gmail.com